

Editorial

Prezados(as) leitores(as), autores(as), editores(as) e demais colaboradores, é com imensa satisfação que apresentamos a edição de lançamento da Perg@minho - Revista Discente, um projeto que nasce do empenho coletivo dos discentes do Curso de Graduação em História, do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA/UFPB) da Universidade Federal da Paraíba.

A Perg@minho surge com o compromisso de ser um canal plural, democrático e acessível, capaz de acolher diferentes vozes, enfoques metodológicos e perspectivas analíticas, além de fomentar a produção acadêmica e fortalecer um diálogo entre estudantes e pesquisadores. Seu objetivo é incentivar a disseminação de pesquisas que promovam reflexões críticas, abordagens inovadoras e diálogos interdisciplinares que ampliem as fronteiras do conhecimento histórico. Para tanto, a revista aceita submissões de artigos de discentes de Graduação e Pós-Graduação em História, bem como de estudantes de áreas afins das Ciências Humanas e Sociais, reconhecendo que a interlocução entre diferentes campos do saber é fundamental para o enriquecimento do fazer historiográfico.

Nesta primeira edição, apresentamos um conjunto de textos que atravessam diferentes temporalidades e objetos de estudo, compondo um mosaico que evidencia a diversidade da pesquisa histórica produzida por estudantes. São trabalhos que dialogam com debates contemporâneos, revisitam temas clássicos, exploram novas abordagens teóricas, metodológicas e documentais, além de reafirmarem o papel da História como instrumento de compreensão crítica da sociedade e de seu presente.

Entre esse trabalhos temos “‘Se Cristo não morrera, nenhum Filho de Adão podia entrar na glória’: a morte nos séculos XVII e XVIII” de Mahyra Emmilly Sá e Mattheus de Luccas Cunha, que investigam as representações da morte na Idade Moderna, examinando ritos, imaginários e práticas funerárias da Europa e das colônias. Os autores mostram como a morte se inscrevia na vida cotidiana, nos gestos, nos espaços e nos objetos. Em seguida

temos o texto de Thaissa Oliveira, “Olhos Caldosos: uma análise pictórica das representações de pessoas racializadas no acervo do MABE (1930-1950)” que, apresenta um estudo sensível e crítico sobre as representações de pessoas racializadas no acervo do Museu de Arte de Belém. A autora discute como retratos produzidos entre as décadas de 1930 e 1950 reforçam estereótipos visuais de sofrimento, subalternidade e exotização, marcados pelos “olhos marejados e longínquos” que se repetem nas obras analisadas.

Ainda nessa discussão acerca de populações urbanas, temos “De Casa Caiada a Casa Demolida: Reformas Urbanas, Cortiços e a Construção das Classes Perigosas no Rio de Janeiro (1880-1906)” de Thyago Soares Pena, que discute sobre os impactos sociais das reformas urbanas no Rio de Janeiro entre 1880 e 1906 e analisa como essas intervenções modernizadoras aprofundaram desigualdades e reforçaram mecanismos de controle estatal sobre a população menos abastada. Já Isis Gonçalves, nos conduz em “Conversão e cristianismo na Irlanda: São Patrício e suas cartas como fontes para a construção da fé (século V)” a uma análise das cartas de São Patrício como documentos fundamentais para compreender os mecanismos sociais e religiosos da cristianização da ilha.

Em “A fazenda Campos Novos (RJ) e a luta pela terra no século XX: conflitos e memória”, Franciele Aparecida Felipe Profeta, nos leva para discussões acerca da luta pela terra na Fazenda Campos Novos durante a Ditadura Militar, destacando a resistência cotidiana de trabalhadores rurais, o papel dos sindicatos e da memória. A autora se baseia em documentos da Hemeroteca Digital, Arquivo Nacional e CEDOC/CPT para reconstituir a violência no campo e a persistência das lutas por reforma agrária no Brasil. Já Glaucia Elen Santos Xavier, em “Livro didático e representação da população negra: da Lei 10.639/2003 aos desdobramentos do PNLD” analisa como a população negra é representada nos livros didáticos de História após a implementação da Lei 10.639/2003. A autora demonstra avanços na visibilidade e no protagonismo negro, mas identifica também estereótipos persistentes, lacunas narrativas e silenciamentos que revelam limites do PNLD e a necessidade de constante vigilância crítica sobre o material distribuído nas escolas públicas.

No artigo “O movimento intelectual latino-americano nas décadas de 1940- 1980: debates sobre a identidade mexicana nas obras de Leopoldo Zea e Octávio Paz”, Livia Bernardes Marciano, traz um estudo comparativo sobre diferentes propostas de construção

da identidade latino-americana no século XX, analisando especialmente as ideias de dois intelectuais fundamentais do pensamento latino-americano: Leopoldo Zea e Octavio Paz. Já Ana Gabrielle Pinto Delfino em “Cultura histórica nas pós-graduações do Nordeste: a representação dos sertões e dos sertanejos nas dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas (PPGH/UFAL)” traça uma análise entre dissertações do Programa de Pós-Graduação em História da UFAL, observando como os conceitos de “sertões” e “identidade sertaneja” são mobilizados nessas pesquisas. A autora observa tensões entre tradição e renovação historiográfica, discutindo como tais narrativas constroem imagens sociais sobre o Nordeste e seus habitantes.

Por fim, temos o artigo “Mulheres e a transmissão de saberes: oleiras em Fonte Lima, Cabo Verde” de Jakeline Romão Santos, o qual a autora compartilha contribuição etnográfica a partir de seu intercâmbio em Cabo Verde, examinando o papel das mulheres oleiras de Fonte Lima na transmissão intergeracional de saberes artesanais. O texto apresenta a olaria como prática ancestral que articula economia, memória, identidade coletiva e resistência cultural, ressaltando a centralidade feminina na preservação desse patrimônio vivo.

Desejamos que esta edição inaugural seja apenas o início de um percurso promissor, marcado pela consolidação de um espaço coletivo de escrita, reflexão e formação. Que Perg@minho inspire outros olhares, estimule novas investigações e contribua para o fortalecimento da comunidade acadêmica em História.

A Comissão Editorial